O sentido da escrita ficcional de Gilberto Freyre: a seminovela e a história intelectual

BRUNO CESAR CURSINI*

Resumo

Este trabalho apresenta condições de leitura, assim como uma contextualização parcial, do primeiro romance de Gilberto Freyre, a seminovela *Dona Sinhá e o filho padre*. Nós também nos debruçamos sobre parte de seus trabalhos como crítico literário, na tentativa de entender o que ele valorizava na ficção, e de que forma aplicou isto a seus próprios romances. Também observamos algumas de suas disputas com a intelectualidade do sudeste em seus motivos e desdobramentos metodológicos, e tentamos compreender como essa disputa – contemporânea à escrita das seminovelas – pode ter influenciado Freyre em sua atividade de romancista.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, seminovela, literatura, narrativa, *Dona Sinhá e o filho padre.*

The ways of Gilberto Freyre's fiction: the seminovel and the intellectual history

Abstract

This paper presents reading conditions as a partial contextualization of Gilberto Freyre's first novel, the seminovel *Mother and son: a brazilian tale*. We bent over some pieces of his Works as a literary critic, trying to understand what he valued in fiction and how he applied that in his own novels. We also observe some of his querrels with intelllectuals in southeast Brazil in its motivations and developments, and try to understand how this quarrel – that happend at the same time as the seminovels were wrote – may have influenced Freyre in his activity as a novelist.

Key words: Gilberto Freyre, seminovel, literature, narrative, *Mother and son: a brazilian tale.*

* **BRUNO CESAR CURSINI** é formado em história pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Franca; Mestre em história na Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

Introdução

Este artigo investiga algumas possibilidades abertas por Gilberto Freyre com seu primeiro romance, a seminovela *Dona Sinhá e o filho padre*. No estudo de crítica literária organizado por Freyre, *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979), os termos "romance" e "novela" quase sempre vêm acompanhados um diretamente do outro, o que, aplicado ao entendimento do subtítulo seminovela, que Freyre escolhe para seu primeiro texto de ficção em prosa, pode ou não se revelar significativo para o entendimento deste mesmo texto.

A primeira parte, portanto, dedica-se a uma tentativa de situar as distinções e semelhanças entre romance e novela de acordo com a teoria literária ao nosso alcance e, estabelecendo a importância do gênero romanesco como crucial para estruturação da imaginação romântica na qual Freyre se fiou para escrever *Dona Sinhá e o filho Padre*, fazemos um breve panorama de seu desenvolvimento, com algumas ponderações acerca de suas relações com a história

Na sequência, investigamos as potencialidades do discurso literário como gerador de saber, demonstrando que, por esta característica, tal modalidade discursiva tornou-se atraente

para Freyre, que se utilizou dela em sua disputa metodológica e de representação do passado com os intelectuais da USP, que emergiam como seus rivais a partir dos anos 1950. O artigo espera esclarecer alguns pontos acerca da longa e profícua relação que Freyre, um intelectual que sempre acreditou na literatura, manteve com a ficção.

I – Novelesco e romanesco

Massaud Moisés observa que um modo "defeituoso" de se utilizar a expressão novela, em nossos dias, é para descrever romances curtos, com mais de cem e menos de duzentas páginas. Moisés traça as origens do gênero novelesco a partir de produções literárias muito anteriores ao surgimento do romance moderno, como as canções de gesta e as histórias de cavalaria. Para este autor brasileiro, *Dom Quixote* seria o momento em que o gênero das novelas de cavalaria atingiu seu auge. O romance, por sua vez, aparece na Inglaterra do século XVIII, com o livro de Henry Fielding, *A história de Tom Jones* (MOISÉS, 2006). Marthe Robert, entretanto, problematiza esta classificação de outra maneira, num trabalho bem mais atual. Para ela, Dom quixote seria justamente uma das obras fundadoras do romance moderno, "se entendermos por modernidade o movimento de uma literatura que, perpetuamente em busca de si mesma, se interroga, se questiona, fazendo de suas dúvidas e sua fé a respeito de sua própria mensagem o tema de seus relatos" (2007, p. 11). Sob outra ótica, porém, esta primazia caberia a *Robson Cruzoé*, que é

> moderno sobretudo na medida em que reflete com bastante clareza as tendências da classe burguesa e mercantil oriunda da revolução inglesa. Nesse sentido, com efeito, pode-se dizer que o romance é um gênero burguês que, antes de se tornar internacional e universal, começou como especificamente inglês. (ROBERT, 2007, p. 11)

Os dois teóricos divergem sobre as origens do romance, mas é digno de observação que ambos situam esta origem na Inglaterra, no mesmo período.

O termo" romance" é usado pelo narrador-personagem para definir *Dona Sinhá e o filho padre* nas seguintes passagens, no curso da narrativa: "Talvez no decorrer do romance, fosse interessante incluir um ou outro desses pormenores." (p. 16); "Romance um tanto diferente." (p. 9); "Meu romance." (p. 15); "uma espécie de romance." (p. 7). Assim, ao incluir mais esta imprecisão classificatória, Freyre consegue criar novos empecilhos a quem quer que se proponha enquadrar seu livro em categorias muito rígidas. Ele se lembra, já no posfácio, como autor falando ao leitor, das antinovelas, dando os exemplos de *Le Planetarium,* de Nathalie Sarraute, *Degrés,* de Michel Butor e *Dans le Labyrinthe,* de Alain Robbe-Grillet. Estes títulos seriam antinovelas

> por não terem enredo [...] como as novelas convencionais; nem tampouco, personagens; nem pretenderem ser psicológicas, muito menos sociológicas ou históricas, deixando os seus autores que os seus equivalentes de personagens falem ou se exprimam como falariam ou se exprimiriam em filmes ou no rádio ou na televisão, isto é, dentro de outras convenções, que não as literárias; e que são as que correspondem à chamada cultura de massa. (FREYRE, 1964, p. 184)

Carmen de Fátima Henriques da Matta afirma que a distinção fundamental que se estabelece é que a antinovela seria o resultado de um esgotamento do gênero novelesco, sendo uma novela em negativo ou uma novela em subtração. Esta autora aponta que as seminovelas

são justamente o oposto, pois adicionam e incorporam elementos de diversos gêneros. Da Matta também observa que a antinovela carece propositalmente de dimensão psicológica, sociológica ou histórica, e que possui personagens que, diferente dos de Freyre, não são caracterizados pelo seu uso único da linguagem. (2007, p. 67)

Edilberto Coutinho, em seu estudo pioneiro das seminovelas não viu, na verdade, "a necessidade de estabelecer rigidamente as fronteiras – dentro do gênero ficção – entre o que seria determinantemente novela ou romance" (1983, p.8-9).

Também Robert (2007) observa que, devido ao escopo praticamente ilimitado dos assuntos que o romance é capaz de incorporar a sua alçada, assim como de sua capacidade de colonizar outras áreas da literatura, definir o que é ou não classificável como um romance se torna extremamente problemático, mesmo do ponto de vista dos lexicógrafos. Os próprios romancistas, porém (e, como acabamos de ver, Freyre não seria exceção) parecem ter contribuído para a indefinição classificatória do gênero. Para Robert, autores improvisados em teóricos sequer pensam em formular as questões adequadas, eles só constatam o que a seus olhos é obvio, e usam isto para supor um imperativo (o romance é, o romance deve), graças ao qual "o gênero cai integralmente sob o alcance de uma jurisdição superior cuja competência parece tão evidente que prescindiria de exame, mesmo para o principal interessado" (2007, p. 22). Estaria Freyre incorrendo no erro de que fala Peter Gay (1990) e confundindo dois âmbitos – o histórico e o ficcional – sem proveito para nenhum dos dois? Esperamos conseguir lançar alguma luz sobre os motivos que levaram Freyre a optar por esta estratégia.

II. A literatura como produtora de saber

Leenhardt (2006) observou que Gilberto Freyre procurava ir o mais longe possível com suas descrições afim de, com isso, chegar a uma melhor compreensão do real. Pretendemos examinar sua opção pela novela – ou romance – como estratégia descritiva e, consequentemente, de compreensão. De acordo com Peter Gay

> a ficção pode, sem dúvida, oferecer a veracidade dos detalhes; os romancistas e poetas não são estranhos à pesquisa [...]. Mas [os fatos verdadeiros na ficção] existem para fornecer cenários plausíveis às personagens imaginadas, para facilitar o ingresso do leitor num mundo fictício que lhe foi criado pelo escritor. A verdade é um instrumento opcional da ficção, não sua finalidade essencial. (1990, p. 172)

Em concordância com a colocação de Gay, Ivan Jablonka (2017) diz que um romance ajuda a esclarecer a realidade não por ser ele verossímil ou documentado, mas pela qualidade de sua abordagem. Para Jablonka, isto explicaria o porquê ser "mais útil ler Proust do que um mau sociólogo; *Le zéro et l´infini* e *1984* mais do que um trabalho entediante sobre o stalinismo" (2017, p. 16).

Os procedimentos investigativos não são privilégio das corporações acadêmicas, portanto. A investigação é um "esquema universal de pensamento que pode ser aplicada e estendida tanto às ciências quanto à vida cotidiana. Ela é familiar, simultaneamente, ao detetive, ao policial, ao juiz de instrução, ao jornalista, ao arqueólogo, ao historiador e ao sociólogo" (JABLONKA, 2017, p. 14). É interessante que Freyre, em *Dona Sinhá*, compare suas técnicas de investigação às de um detetive, já que,

> para a descoberta e a verificação de uma verdade humana o detetive está melhor armado do que o naturalista, pois é mais livre e mais preparado para o desconhecido, seja este qual for. Mais: que para o naturalista trata-se menos de descobrir a verdade do que de verificar leis; enquanto o detetive sabe que também o excepcional existe e que o humano é sempre particular. (1964, p. 49)

Mais a diante, Freyre revela que esta "técnica de detetive" foi empregada na própria urdidura da seminovela, ao dar forma ao personagem principal: ele faz com que

> um ainda informe pré-José Maria, recordado através de probabilidades psicológicas, tenha se tornado o José Maria já um tanto concreto reconstituído noutros capítulos mais através da técnica dos detetives, isto é, sobre os indícios de uma personalidade em desenvolvimento, do que pela arte daqueles biógrafos que, em trabalhos de história ou de ficção misturada à história, prescindem de tais indícios para se apoiarem em probabilidades mais lógicas que psicológicas. (1964, p. 101)

O sentido que Freyre dá a sua produção literária, portanto, é o da investigação do passado brasileiro através de técnicas sociológicas. *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979), por ser um estudo de crítica literária feito por Freyre, pode oferecer algumas luzes na interpretação de sua ficção. Este livro gira, conforme diz seu próprio subtítulo "em torno das projeções de tipos sócio-antropológicos em personagens de romances nacionais do século XIX e do atual [ou seja, do XX]". O interesse pelos personagens como tipos sociológicos weberianos já havia sido indicado em *Dona Sinhá*: Freyre procura demonstrar que os tipos sociologicamente válidos do alemão podem ser também seus tipos novelisticamente válidos. Em *Heróis e vilões*, Freyre dá mostras de entender a criação literária também como apropriação do saber sociológico pelos autores, assim como construção desse mesmo saber. É neste sentido que, ao refletir sobre os dramas shakespearianos, Freyre acredita que neles

> a vida, o humano, os conflitos do indivíduo com o meio, os desajustamentos entre grupos e entre personalidades transbordam do que neles é estético, do que neles é arte formal, teatro recreativo, para se constituírem em material de extraordinária riqueza para todos os analistas, desde os dias de Elizabeth, da natureza humana: tanto os ditos científicos, sociológicos, psicológicos, como os de tendências humanísticas." (1979, p. 24)

Outros romancistas são por ele lembrados: Balzac, que desejava "ser menos um ficcionista no sentido ordinário da palavra, que um historiador social" (1979, p. 45). Para Freyre, Balzac teria desenvolvido todo um método, pautado não somente pela preocupação com o homem antropológico, sociológico ou histórico, mas também com o homem biográfico. Segundo Edilberto Coutinho,

> para Gilberto Freyre, o que Balzac parece ter desejado terá sido a ficção em torno das relações humanas surpreendidas em seus vários setores e nos seus aspectos cotidianos, mais do que nos excepcionais, sustentada por um tipo de história social ou por uma espécie de sociologia da história. (1983, p. 52)

Segundo Freyre, também Tolstói, Thomas Mann e André Malraux produzem romances capazes de suprir "o antropólogo, o sociólogo, o historiador, o biógrafo cientificamente orientado em suas técnicas de análise e de

interpretação de valiosas sugestões além de quase-científicas, quase-filosóficas" (1979, p. 46). Edilberto Coutinho, examinando não somente *Heróis e vilões*, como também um conjunto de prefácios que Freyre produziu para obras de crítica de literatura brasileira, concluí que este autor está em constante busca por um "conteúdo social" na literatura, sem, entretanto, considerar que tais elementos "devam prevalecer sobre a expressão literária das obras estudadas" (1983, p. 54).

Freyre acaba por aproximar o romancista não apenas de cientistas sociais e historiadores, como também de biógrafos. Para ele, o trabalho de biografar-se pessoas comuns transforma-as em "sujeitos-objeto" de estudos que "concorrem para nosso mais profundo e mais extenso conhecimento do Homem através de expressões menos notáveis ou menos ilustres dos seus diferentes tipos antropologicamente significativos" (1979, p. 46). Ele então nos dá alguns exemplos que chamam sua atenção na literatura nacional: o sargento de milícias, o bom crioulo, o moleque Ricardo e o pequeno burocrata Gonzaga de Sá.

A multifuncionalidade que Freyre enxerga no romance nos parece semelhante à observada por Robert, quando ela observa que este gênero, após ter enfrentado origens humildes no ocidente, vem se apoderando de setores cada vez mais vastos da experiência humana, e reproduzindo-a à maneira do moralista, do historiador, do teólogo, do filósofo e, até mesmo, do cientista. O romance é similar à sociedade imperialista em que nasceu, tendendo ao universal e absoluto, o que faz com que uniformize e nivele a literatura, fornecendo-lhe, entretanto, ao mesmo tempo, escoadouros inesgotáveis, já que pode tratar de absolutamente tudo. O romance é "livre, livre até o arbitrário e até o último grau de anarquia" (ROBERT, 2007, p. 13).

Freyre flertava com a ideia de escrever romances desde a remota juventude, num período crítico de sua formação (CASTRO GOMES, 2005; PALLARES-BURKE, 2005). Sua ideia era libertar o próprio trabalho dos rigores da academia e, no caso, um gênero tão eclético, livre e abrangente quanto o romance deve ter-lhe parecido inegavelmente sedutor. O formato pelo qual ele optou inicialmente, entretanto, foi o do ensaio; ou ao menos esse era o nome que ele gostava de dar a seus extensos livros de pesquisa. Mesmo assim, *Casa-grande & senzala* era, vez por outra, chamado de romance, fosse por entusiastas ou detratores. Entusiastas que exaltavam as qualidades artísticas e a fluidez do texto; detratores que usavam a palavra "romance" como sinônimo de embuste e falsidade.

Seja como for, O próprio Gilberto Freyre, ao contemplar sua trilogia de ensaios[1] parece ter julgado que as margens para experimentação não haviam sido suficientemente dilatadas ainda. Acreditamos que ele tenha decidido explorar outras formas de falar sobre o Brasil, histórico, sociológico e antropológico, falar sobre si – pois, dado a veia autobiográfica de sua obra, fica claro que os ensaios das décadas de 1930-1950 eram também uma maneira de falar, e falar muito, de si mesmo – e transformar a realidade nacional. Esta transformação não se dando apenas dentro da narrativa, onde impera a harmonia racial concebida nos anos 1930 e ardorosamente defendida por ele nas últimas décadas de vida, mas

[1] *Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso.*

possivelmente tentando se estender para o universo extratextual.

A visão de Freyre sobre o papel transformador da literatura, segundo Maria Lúcia Pallares-Burke, remonta seus anos de juventude, e deve muito a seu contato com os escritos de William Morris. De acordo com ela, "há fortes indícios para acreditar que a descoberta de William Morris significou para Freyre um forte apelo à ação" (2005, p. 228). Morris, John Ruskins e outros vitorianos anti-vitorianos transmitiram a Freyre uma noção que ele já parecia guardar consigo, intuitivamente: que a beleza não é algo fútil, mas deve ser associada ao cotidiano e a vulgaridade da nossa vida, como instrumento para transformá-la. O "culto ao passado" que Freyre estabeleceria, nesse sentido, não era mero saudosismo ou escapismo, mas era "necessário para pôr em prática a energia criadora" (PALLARES-BURKE, 2005, p. 230).

A capacidade de transformação dos ensaios clássicos de Freyre é incontestável; uma transformação bem vinda e necessária, já que implodiu a preponderância das teses de superioridade racial do europeu branco, e permitiu ao brasileiro encarar a própria condição de mestiço como um valor respeitável em si, e não como uma degeneração que condenava a nossa civilização a, irremediavelmente, nunca produzir nada de valioso. Entretanto, o que este trabalho aponta é que, ao envelhecer, Freyre ainda não considerava sua obra completa. Embora muitos classificassem seus estudos como "romances", não raro isto era feito de modo a diminuí-los, tentando dar a entender que seu conteúdo não teria valor informativo, ou que as teses ali defendidas careciam de embasamento adequado. Isto começou a acontecer em meados dos anos 1950 e se intensificou nos anos 1960. Um novo projeto de Brasil começou a emergir na Universidade de São Paulo, encabeçado por Sérgio Buarque de Holanda e também por marxistas como Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Florestan Fernandes e alguns de seus discípulos, tais como Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Esta competição foi de amplas consequências; nas palavras de Joaquim Falcão, estas foram "relações que afetaram, como ainda afetam, todo o Brasil. Fazem parte da competição maior, permanente e inerente a qualquer cultura e a qualquer nação" (2001, p. 131). De fato, foram colocadas em disputa duas narrativas diferentes de nação, que implicavam também duas propostas distintas de modernização do país. Simone Meucci diz que

> diante das expectativas e dos resultados sociais (nem sempre favoráveis) do desenvolvimento econômico, formulou-se, ao longo dos anos 1950, a concepção de que cientistas sociais atuariam, sobretudo, na construção e planificação de uma sociedade economicamente sadia e democrática. Os intelectuais (sobretudo os economistas e cientistas sociais) consideraram-se responsáveis pela condução racional das mudanças e pelo controle de seus efeitos. (2015, p. 308)

Alberto Aggio, acredita mesmo que há algum consenso entre especialistas quanto ao fato de que

> são poucas as regiões no mundo onde os intelectuais têm tanta ascendência sobre a vida política quanto na América Latina. Não há dúvida a respeito da sua atitude de liderança político-social. É reconhecida, no sub-continente, a sua importância quanto à gênese e à difusão das ideias, bem como o papel mediador que exercem os

> intelectuais entre Estado e sociedade. (2015, p. 192)

Pode-se assumir, a partir daí, que no Brasil o intelectual se percebe não apenas como um guia para a ação, mas como um ator de fato nos processos de transformação da sociedade. Freyre é bastante representativo desta situação, não apenas pelas já referidas colaborações que sua obra trouxe para a reestruturação da identidade brasileira em torno das questões de mestiçagem, mas também por que ele interveio na vida política, tendo sido deputado federal por Pernambuco de 1946 a 1951. É justamente neste período que tem início o embate com a USP, de acordo com Meucci (2015), se estende até 1964 – ano da publicação de *Dona Sinhá*. Claro que a datação de Meucci corresponde a uma análise retrospectiva dos eventos, e não necessariamente significava que os atores envolvidos vissem a questão como de fato encerrada. Na verdade, Falcão aponta o ano de 1964 como uma fase em que o debate se tornou mais pungente, em decorrência do golpe militar, que conduziu as discussões para o plano político de maneira cada vez mais explícita. Ao cabo, para ele, "a competição cresceu, se reproduziu, cristalizou-se e chegou até nós" (2001, p. 152). Freyre seguiria escrevendo diversos textos, e este trabalho sugere que tais textos não foram apenas obsessão em produzir a própria memória ou em falar de si mesmo por mera vaidade, mas tentativas de dar respostas a um debate que, em sua visão, certamente ainda prosseguia. Castro Santos, também em uma leitura retrospectiva dos eventos, coloca Freyre não apenas como um vencido neste embate, como também atribui a esta derrota o fato de ele estar privilegiado com um ponto de vista único, impossível de ser adquirido de outra forma (1993). Nicolazzi, entretanto, nos alerta para o determinismo mesológico da noção de que Gilberto Freyre simplesmente "perdeu" para a intelectualidade do sudeste, como se esta região fosse o único eixo pensante do país, e nada mais de relevante pudesse ser produzido em outras partes (2010).

Simone Meucci diz que, a partir dos anos 1950, houve um esforço, sobretudo por parte de professores paulistas, para romper com as formas consideradas pouco especializadas de conhecimento sociológico. Assim, a produção e os métodos de Freyre foram postos sob ataque.

> A manifestação pré-científica da disciplina foi demarcada como ligada à tradição ensaística; pouco especializada e caracterizada pela narrativa histórica. Nesse ambiente, a linguagem e a abordagem de Freyre, consideradas revolucionárias nos anos 1930, envelheceram sob novos julgamentos 'especializados'. (MEUCCI, 2015, p. 267)

Isto fez com que Freyre assumisse, a um só tempo "a condição de escritor, de aventureiro liberto das restrições da cátedra e de especialista capaz de transmitir seu saber"; condição que lhe propiciou "o bônus de não limitar suas formulações pelas regras científicas e de não ser rigorosamente obrigado a responder às exigências acadêmicas" (MEUCCI, 2015, p. 268-278).

Ao mesmo tempo, entretanto, esta situação acabou por marginalizar Freyre do processo de institucionalização da disciplina sociológica entre nós. Foi uma ruptura radical com o ensaísmo que vigorou no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, "uma tentativa de separação radical entre o modo de produção amador e o modo de produção especializado. A linguagem literária não parecia ser, afinal, suporte para o

exercício do controle racional" (ARRUDA, 2001, p. 213). Fernando Nicolazzi, entende este momento de embate como a segunda fase da apreciação crítica do *corpus* freyriano; a primeira foi caracterizada por um excesso de loas e louvores a *Casa-grande & senzala*, a terceira é aquela em que, após a morte de Freyre, começam a se produzir análises que tratam sua obra mais como simples objeto de estudo do que como algo com que simplesmente concordar ou discordar, ou apaixonadamente exaltar ou detestar (2010). Detestar é um adjetivo forte para qualificar a maioria das posições descritas por Nicolazzi, mas o fato é que, quase trinta anos após a publicação de *Casa-grande & senzala*, Freyre se viu às voltas com

> os infortúnios de uma crítica que não sucede em estabelecer um veredicto para o livro de Gilberto Freyre, ora cedendo às inegáveis qualidades da obra, ora reconhecendo o descompasso entre o que o autor pretendia e o que de fato realizou. Em um contexto de definição rigorosa do que a Sociologia, enquanto ciência, deveria ser, a obra de Gilberto Freyre aparece como contribuição significativa para o desenvolvimento de um campo intelectual, ao mesmo tempo que é colocada como exato negativo do que o campo pretendia configurar, pelo menos em sua formulação universitária paulista, isto é, o modelo para a instituição de uma sociedade progressista, industrial, burguesa e democrática. (NICOLAZZI, 2010, p. 281)

Foi assim que, durante um longo tempo, a obra de Freyre passou a representar este negativo do que a sociologia paulista pretendia formular para a disciplina. Sua "teimosia" em transformar-se em simples "escritor" para, inclusive, evadir-se das tentativas de enquadramento metodológico de seus oponentes, levava alguns destes a acusá-lo de estar "escondendo alguma coisa" por trás da designação (MOTA, 1977, p. 64). "Quando tentavam enquadrá-lo como sociólogo ou antropólogo, ou mesmo historiador social, ele se reivindicava apenas escritor. Pretendia-se gênero, e não espécie." (FALCÃO, 2001, p. 141). Edilberto Coutinho, que pode ser creditado como o autor da análise de maior folego a respeito da ficção de Gilberto Freyre até o momento, sem dúvida parece estar dentre os leitores que "cederam às inegáveis qualidades da obra" de Freyre, transformando-se também em seu defensor entusiasmado. Mais que isso, em sua tese, Coutinho procura de diversas formas demonstrar que Freyre é, antes de tudo, escritor de ficção, e que esta figura de ficcionista se insinuava desde os primeiros e principais ensaios do autor. Sem julgar o mérito total da constatação de Coutinho, chamamos aqui, em contraste com suas proposições, as observações de Meucci, segundo as quais nem sempre foi interessante a Freyre se ver atrelado a imagem de romancista, ficcionista e inventor de estórias (2015). Sergio Buarque de Holanda, velho amigo e colaborador de Freyre – e de quem Coutinho empresta a expressão "imaginação do real", que usa no título de seu trabalho -, embora não fosse marxista, era da USP, e teria inclusive se abstido de contribuir para um texto em livro comemorativo dos 25 anos da publicação de *Casa-grande & senzala*, livro este que tinha como propósito, dentre outros, revalorizar o ensaio de Freyre.[2] Holanda também, e um tanto supreendentemente, chegou mesmo a remover citações e menções ao

[2] Trata-se do volume *Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte*, de 1962.

trabalho de Freyre nas novas edições de *Raízes do Brasil*, por volta desta mesma época (NICOLLAZI, 2010). Isto ajuda a dimensionar a profundidade da desvalorização da obra de Freyre. Acusado de falta de rigor científico, sem saber determinar qual o destino do seu legado para o futuro, pensamos que Freyre possa ter começado a escrever suas seminovelas com as pretensões de, em primeiro lugar, mostrar a todos o que um romance, ou trabalho de ficção escrito por ele, de fato seria: houve de sua parte um esforço em apresentar seus ensaios como obras de pesquisa rigorosa, distantes do romance ou de qualquer forma de fantasia. Isto iria ajudá-lo a legitimar suas contribuições para a constituição da disciplina sociológica no país. Entretanto, é possível que deixasse uma lacuna em suas ambições pessoais: se era preciso apresentar seus principais trabalhos como distantes da criação literária, talvez seus planos de escrever romances – alimentados desde os 20 anos – não tivessem, afinal, se consumado (CASTRO GOMES, 2005). Isto parece coadunar com a inferência de Coutinho (1983), de que as seminovelas seriam a expressão mais acabada de Gilberto Freyre, de modo análogo a confissão ser a forma final de expressão encontrada por Jorge Luís Borges.

O autor da seminovela – através da figura de seu narrador-personagem - deixa claro, em determinada passagem, que está ciente de estar cometendo de fato uma espécie de adultério.

> A história como que me surpreendera a querer traí-la, entregando-me a namoros com a ficção; e antes que se consumasse o desvio como que me fazia voltar aos seus braços femininos porém fortes, absorventes, imperiais. A verdade, porém, é que eu experimentara o gosto da traição; meu namoro com a Ficção não pensasse a história que fora de todo platônico. Fora um tanto sensual. (FREYRE, 1964, p. 16-17)

História e ficção são personificadas num triângulo amoroso com o narrador-personagem, que a seguir confessa desejar as duas como se fossem capazes de se tornar uma única e mesma coisa: "haveria um tempo artisticamente fictício que fugisse ao domínio do histórico mas fosse perseguido pelo histórico até os dois tempos se tornarem, pelo menos em alguns casos, um tempo só?" (FREYRE, 1964, p. 17). Fica sugerido assim que a busca por uma verdade rigorosamente histórica pode acabar passando mais perto da ficção do que gostariam os adversários intelectuais de Freyre, e que haveria outras formas de se buscar uma verdade humana que não o quantitativismo racionalista.

A temática escolhida para *Dona Sinhá* – a história de um seminarista – parece, por sua vez, colocá-la em diálogo com uma série de outras narrativas que surgiam na mesma época, tanto no Brasil quanto na América Latina. Para Fernando Alves Cristovão, Freyre fez a feliz escolha por um tema em "ascendente popularidade":

> Em 1961 já Carlos Heitor Cony redigira a sua Informação ao Crucificado que bem se pode inserir na corrente cultural chamada da "morte de Deus", e não tardariam em 64 os filmes de Glauber Rocha e toda uma literatura de antigos padres e seminaristas que iria encontrar no pletórico e revolucionário Quarup, de Antônio Callado, um dos seus momentos mais altos. Tão atual se tornou o tema que, ainda na década de sessenta, foi possível publicar-se um livro de título perfeitamente insólito pela carga publicitária concentrada: *O Assunto é Padre*. Tal iniciativa, da editora Agir, inspirou-se precisamente nos estudos de Gilberto Freyre, partindo do princípio, formulado à maneira de

> um anúncio publicitário em voga, de que "cada brasileiro tem um padre em sua vida". (1984, p. 201)

Assim, Freyre tirava partido, muito habilmente, de uma temática literária em voga e ascensão, para compor sua seminovela, que o consolidava como "escritor", designação que confundia e incomodava os rivais da USP e ao mesmo tempo o projetava como ficcionista sintonizado com o que se produzia no país e no continente.

Conclusões

Aproximar a narrativa histórica das narrativas compostas por romancistas foi um movimento tentado por diversos intelectuais contemporâneos de Freyre nos anos 1970 e 1980, mas com os quais, até onde pode averiguar esta pesquisa, ele não travou contato. Possivelmente seus interesses nestas duas últimas décadas de vida não recaiam sobre as novidades mais atuais em teoria da história ou historiografia. Sua atividade como romancista é um olhar constante sobre o século XIX, tanto em termos de referências literárias como de época retratada. Entretanto, deve-se lembrar que o caráter imaginativo e subjetivo do fazer historiográfico já havia sido notado mesmo pelos metódicos do século XIX, na França. Langlois e Seignobos já falavam sobre a dose de fantasia na história.

Ficaria assim a representação do passado à mercê de uma grande subjetividade, impossível de ser refutada inteiramente, ao menos no caso dos grandes clássicos. Embora fosse um estreante na ficção propriamente dita, Freyre tinha a retaguarda bibliográfica de seu extenso *corpus*, que munia de fôlego suas estratégias representativas vazadas pelo (auto)biografismo, pela reprodução de reminiscências e pelo que Nicolazzi (2010) coloca como uma grande aproximação autor-obra, em oposição ao signo da distância estabelecido por Euclides da Cunha. As seminovelas freyrianas seriam assim, de certo modo, a continuação do trabalho de pesquisa incessante do autor pela própria vida, na sua obra sempre aberta, em associação aos assuntos brasileiros; mas seriam também uma provocação a seus competidores USPianos, de mais de uma maneira.

As seminovelas reforçam ainda mais a autodesignação de "escritor", que tanto incomodava Carlos Guilherme Mota e outros, por parecer muitas vezes uma evasão. Embora apresente-se em *Dona Sinhá* com diversos avisos ao leitor a respeito de seu amadorismo como novelista e ficcionista, por outro lado o Freyre autor dos prefácios de *Sobrados e mucambos* – redigidos pouco tempo antes - envaidece-se das aproximações de seus ensaios com romances e de si com romancistas. É digno de se perguntar, portanto, até onde ele realmente se via como mero estreante. No que ele se via estreando, afinal?

Podemos afirmar que muitas das imprecisões que Freyre cria com este seu primeiro ensaio de prosa ficcional são logros intencionais com o leitor. Na verdade, com toda a comunidade leitora. A criação deste texto híbrido, de classificação problemática, que ventilava uma série de ideias polêmicas sempre girando em torno da defesa do que passaria a ser chamado "democracia racial" constituí, sem dúvida, uma dupla provocação: uma ousadia de método expositivo, e uma reafirmação do núcleo duro do pensamento freyreano no que diz respeito a sua crença na harmonia e cordialidade das relações inter-raciais no Brasil.

Referências

AGGIO, Alberto. **Um lugar no mundo:** Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrogildo Pereira (FAP), 2015.

ALVES CRISTOVÃO, Fernando. A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica. In: **Ciência & Trópico.** Recife: 1984. Disponível em < https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362> Acesso em: 03 set. 2018.

ARRUDA, María Armínia do Nascimento. **Metrópole e cultura.** Bauru: EDUSC, 2001.

CASTRO GOMES, Angêla de (org.). **Em Família:** a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

COUTINHO, Edilberto. **A imaginação do real:** uma leitura da ficção de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

DA MATTA, Carmen de Fátima Henriques. **Gilberto Freyre e a literatura:** em torno do seu ensaísmo, ficções e método interpretativo. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2007.

DIMAS, LEENHARDT e PESAVENTO (org.). **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre, entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/EDUSP. 2006.

FALCÃO, Joaquim. A luta pelo trono: Gilberto Freyre *versus* USP. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa (Orgs.) **O imperador das ideias: Gilberto Freyre em questão.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o Filho Padre:** Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

_____. **Heróis e vilões no romance brasileiro.** São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. **O outro amor do Dr. Paulo:** Seminovela. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. **Sobrados e mucambos.** São Paulo: Global, 2004.

GAY, Peter. **O estilo na História:** Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. **ArtCultura.** Tradução de Alexandre de Sá Avelar. Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017.

LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos.** São Paulo: Renascença, 1946.

MEUCCI, Simone. **Artesania da Socilogia no Brasil:** Contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira (1933-1974). São Paulo: Ática, 1977.

NICOLAZZI, Fernando. **Um estilo de história:** a viagem, a memória, o ensaio: sobre *Casa-grande & senzala* e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre:** um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PALTI, Elías José (org.). **"Giro lingüístico" y história intelectual.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance.** São Paulo: Cosac-Naify, 2007.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O espírito da aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre. **Novos estudos Cebrap.** N. 27, 1993.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso:** ensaíos sobre a crítica da cultura. São paulo: EDUSP, 1994.

Recebido em 2019-02-05
Publicado em 2019-09-11